

Dinâmica demográfica e social entre os Paresi (Mato Grosso)

*Renata Bortoletto Silva*¹
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Resumo: O artigo procura, com base em fontes acadêmicas e estatísticas oficiais, compor um perfil demográfico dos Paresi, grupo indígena da família *Aruak* que habita o sudoeste de Mato Grosso. A análise das informações demográficas e sociológicas, mais precisamente em relação ao modo como interagem certas categorias e grupos sociais, sobreposta às ideias e valores próprios a esse coletivo, permite lançar luz sobre aspectos de suas relações internas e externas, o que não seria possível caso o conjunto de dados fosse analisado de maneira isolada.

Palavras chave: Paresi, etnologia sul americana, morfologia social, demografia, política.

¹ Mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (1999) e doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (2007). Atuou como antropóloga do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, no setor de regularização de territórios quilombolas.

Demographic dynamics and social between the Paresi (Mato Grosso)

Abstract: This paper, based on academic sources and official statistics, seeks to compose a demographic profile of the Paresi, an indigenous group of the Aruak family that inhabits the southeast of Mato Grosso. Analysis of the demographic and sociological data, more precisely in relation to the way in which certain social groups and categories interact, correlated to the collective's ideas and values, casts light on certain aspects of their internal and external relations. Such an understanding would not be possible if the data were analysed in an isolated manner.

Key words: Paresi, south American ethnology, social morphology, demography, politics

Dinámica demográfica y social entre los Paresi (Mato Grosso)

Resumen: El artículo busca, basándose en fuentes académicas y estadísticas oficiales, formar un perfil demográfico de los Paresi, grupo indígena de la familia Aruak que habita al suroeste del estado de Mato Grosso. El análisis de la información demográfica y de la organización social del grupo, más exactamente relacionado con el modo de actuar de ciertas categorías y grupos sociales, superpuesto a ideas y valores propios de ese colectivo, permite aclarar aspectos de sus relaciones internas y externas, lo que no sería posible si el conjunto de datos se analizase de manera aislada.

Palabras clave: Paresi, etnología sudamericana, morfología social, demografía, política.

Introdução

“Índio quer soja”, foi o título de uma matéria recentemente publicada em um portal da internet de grande circulação nacional, que traz um relato sobre as parcerias que os Paresi têm estabelecido com produtores rurais para o plantio da soja em suas terras (Anjos, 2018). Em Mato Grosso, frequentemente são citados na imprensa regional por conta de episódios envolvendo a cobrança de pedágios em uma estrada que corta seu território.

Para além dos artigos jornalísticos, os Paresi, grupo indígena da família Aruak que habita o Brasil Central, e a sua longa história de contato, que remonta ao século XVIII, foram abordados por diversas pesquisas acadêmicas (Costa, 1985; Machado, 1994; Costa Filho, 1996; Bortoletto, 1999; Silveira, 2011).

Esses trabalhos, bem como outras fontes, como o levantamento censitário realizado pela OPAN (Operação Amazônia Nativa) no ano de 1996, os dados oficiais como os contidos no Censo Demográfico realizado em 2010 (IBGE, 2010), ou os registros administrativos do Ministério da Saúde (SIASI, 2013) compõem a base para a análise proposta.

Assim, buscaremos na bibliografia mais recente sobre o povo indígena, apresentar um perfil demográfico desse coletivo no âmbito de suas relações políticas e sociológicas. A inspiração aqui contida vem das ideias de Marshal Sahlins (2004) quando se refere à maneira como podemos desvendar as propriedades de uma dada ordem cultural, a partir do modo como reagem às diferentes circunstâncias.

Manuela Carneiro da Cunha (2017 [2009]: 354; 369), ao discutir os conhecimentos tradicionais e os direitos intelectuais de povos indígenas, defende a ideia de que a cultura é uma “teia invisível na qual estamos suspensos” e que coexiste com a “cultura”, ou seja, com o que é dito sobre a cultura na especificidade dos contextos interétnicos. Para a autora, no entanto, na coexistência desses dois domínios, cujas lógicas são distintas, há pontos de interconexão, o que pode provocar mudanças de modo estruturado em ambos. Vejamos então como esse conjunto de ideias nos ajudam a pensar o caso dos Paresi.

Perfil demográfico e organização social

Os Paresi, ou “Haliti”, como se autodeclaram, ocupam a porção sudoeste do estado de Mato Grosso. Atualmente sua população está distribuída em um território de mais de 1 milhão de hectares compreendido em 8 terras indígenas, sendo as TIs Pareci, Figueiras, Rio Formoso, Utiariti, Juininha e Estivadinho já regularizadas, enquanto Ponte de Pedra, Uirapuru e Estação Parecis estão declaradas (Terças et al., 2016)².

Os primeiros a penetrarem nessas terras foram os bandeirantes ainda no século XVIII. Desse período em diante, várias outras frentes de expansão estiveram em contato com esse povo, no início do século XX, com a instalação das li-

² Os processos de regularização das terras indígenas Paresi remontam ao início da década de 1990, logo após a promulgação da Constituição de 1988 que trouxe garantias aos povos indígenas, sobretudo no caput do artigo 231, em que se declara: “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.”

nhas telegráficas da Comissão Rondon, em seguida com as missões religiosas estabelecidas em meados do século XX e, mais tarde, quando ocorreu a chamada marcha para o oeste, com a ocupação das terras da Chapada dos Parecis por colonos vindos do sul do país (Costa, 1985; Machado 1999; Costa Filho, 1996).³

Tais processos envolvendo a história de contato do grupo foram objeto de diversos trabalhos acadêmicos, desde a década de 80, abordando além deste, temas como o parentesco, os rituais, dentre outros (Costa, 1985; Machado, 1994; Costa Filho, 1996; Bortoletto, 1999). Mais recentemente a dissertação de mestrado de Silveira (2011), ao basear sua pesquisa na investigação sobre as concepções de etnodesenvolvimento em uma aldeia, lança luz sobre as divisões internas em subgrupos, ao focar os “Haliti-Kozárini”, habitantes da aldeia Rio Verde.

Até o século XX, os Paresi eram conhecidos na literatura etnográfica pelos chamados subgrupos “Waimaré”, “Kozárini” (“Kabixi”), “Warére”, “Káwali” e “Kaxíniti”. Tais termos provêm da narrativa mítica que relaciona a sua origem à saída dos irmãos do interior de uma pedra. Estes, ao se casarem com o Avô da árvore dão origem aos subgrupos e povoam o mundo, instalando-se cada qual em uma cabeceira de rio, conforme a indicação do mais velho deles, “Wazaré”, o herói fundador que, por sua vez, não deixou descendentes (Pereira, 1985).

Hoje a maioria da população se diz “Kozárini” (Bortoletto 1999; Silveira 2011) não havendo uma distinção muito clara em termos da ocupação territorial, como antes, mas, ainda assim, é possível correlacionar, por exemplo, algumas aldeias a determinados grupos e Terras Indígenas, como Rio Verde e Kotitiko, da TI Parecí, aos “Kozárini”; Sacre e Bacaval, da TI Utiariti, aos “Waimaré”. Do mesmo modo, a identificação dos subgrupos às entidades políticas com as quais os Paresi operam nas suas relações com os não índios também é relevante. Os “Kozárini” estariam representados pela Associação “Halitinã”, enquanto os “Waimaré”, à associação que leva o mesmo nome (Bortoletto, 1999: 66).

As informações censitárias provêm de fontes distintas, que compreendem um levantamento realizado em parceria com a OPAN (Operação Amazônia Nativa) no ano de 1996, quando uma equipe percorreu o conjunto das aldeias existentes à época coletando informações sobre demografia e organização social. Esse material faz parte da dissertação de mestrado de Bortoletto (1999)⁴, em que foi analisada a morfologia social paresi. Incluem também materiais do Censo Demográfico 2010, cujo acesso se deu por meio das tabelas extraídas do SIDRA (Sistema IBGE de Recuperação Automática), em que se encontra o banco de dados estatísticos. Para a localização das aldeias em relação ao território, acessamos as informações contidas no sítio da Fundação Nacional do índio (FUNAI), provenientes do Censo 2010.

A integração das Bases Cartográficas do IBGE e da FUNAI permitiu, a partir do Censo 2010, a correta sobreposição dos setores censitários aos perímetros das Terras Indígenas já reconhecidas (Pereira, 2016: 424)⁵. Nessa perspectiva, algumas variáveis do Censo 2010 foram divulgadas por Terra Indígena, tais como, população total, por sexo e idade, além de determinadas características dos domicílios, como tipo de construção, ou ainda a possibilidade de aferir outras,

³ As Terras Indígenas se encontram atualmente em meio a grandes propriedades do agronegócio, voltadas ao cultivo da soja em grande escala.

⁴ Doravante essas informações serão referenciadas como OPAN 1996.

⁵ Esta pesquisa trouxe uma série de inovações em se tratando da coleta da população indígena. Em primeiro lugar, as questões sobre raça e etnia constavam no questionário do universo, ou seja, a pergunta foi apresentada em todos os domicílios. Além disso, investigou-se o pertencimento específico a cada um dos grupos indígenas, bem como a língua falada (IBGE, Censo Demográfico 2010).

como número médio de moradores, encorpendo, assim, o perfil demográfico desse grupo.

A análise supõe, em primeiro lugar, que a dinâmica demográfica de uma população obedece a uma lógica própria ao grupo, nas palavras de Pagliario et al. (2005: 11),

(...) como é bem conhecida, a dinâmica demográfica de uma dada população resulta da confluência de uma multiplicidade de fatores históricos, antropológicos, sociais e econômicos. Assim sendo, em vista da sociodiversidade indígena no país, ao se abordar a demografia desses povos, menos que refletir no singular, devemos nos pautar em dimensões plurais.

A contagem resultante do último Censo Demográfico é de 1.550 pessoas, que se declararam indígenas e habitavam as terras mencionadas. Historicamente, de acordo com os registros disponíveis, observa-se um crescimento populacional considerável. De 340 indivíduos, informados por Rondon em 1910 (Rondon, s.d.) chegamos aos 1.550 como mencionado.

Total	População Total	Número de aldeias	Indivíduos/aldeia
Rondon (1910)	340	12	28
Romana Costa (1985)	553	23	24
OPAN (1996)	949	29	33
Censo (2010)/FUNAI	1550	56	28

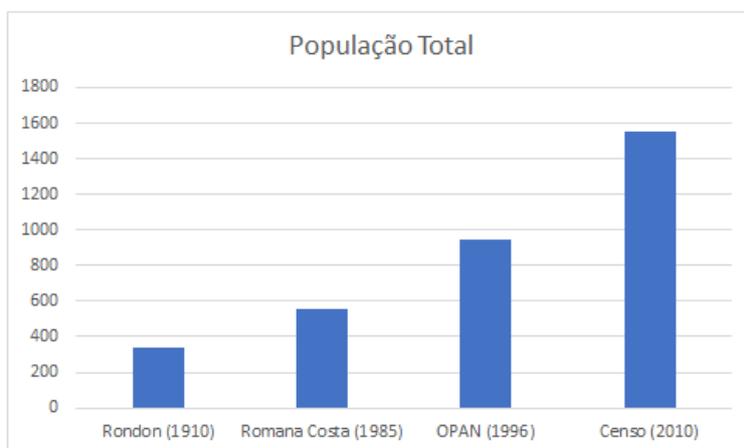


Gráfico 1: Série histórica da variação da população. Fonte: Rondon (1910) / Costa (1985) / OPAN (1996) / IBGE, Dados de 2010 referem-se ao questionário do Universo/SIDRA.

No intervalo de 75 anos, a população quase dobrou, mas nos anos seguintes o incremento foi ainda maior. Se enfocamos os anos de 1985 a 1996, a população passa de 553 para 949. Do mesmo modo, os dados trazidos pelo Censo 2010 evidenciam um considerável avanço populacional, quando chegam a 1.550 em pouco mais de 10 anos (IBGE, Censo 2010).

Por outro lado, o número médio de indivíduos por aldeia se mantém estável. Em 1996, os Paresi estavam distribuídos por 29 grupos locais ou aldeias (“Wénakalati” = local de morada). Os dados obtidos em 2010 dão conta de um total de 56 aldeias, o que é consistente com o que apresenta o Ministério da Saúde (Brasil, SIASI 2013).

Assim, a média de moradores por aldeia na série histórica obtida se mantém num número constante, em torno de 28 indivíduos. A manutenção desse padrão populacional aldeão pode ser creditado a um processo de cisão das aldeias já descrito em trabalhos anteriores (Costa, 1985; Bortoletto, 1999; Silveira,

2011), de modo que é comum aos grupos locais, ao atingirem um determinado montante, a saída de dois irmãos, por exemplo, para fundar um novo grupo local, próximo geograficamente do anterior e com o qual mantém laços de solidariedade.

Há, de qualquer modo uma autonomia dos grupos locais, cujos chefes são chamados “Ezekwahaseti”, algo que pode ser aproximado a doador (Costa, 1985: 162). Para os Paresi, é registrada a distinção entre os termos para chefia e xamã ou curador. Esse último é designado por “Wáyratyare” (Rowan & Rowan, 1978: 108).

Então, como se vê, a dimensão populacional pode estar na base dos processos de desmembramento dos grupos locais. Ao que parece, há um ideal populacional para as aldeias, ligado a uma visão de harmonia que se garante com um controle populacional. “*Muita gente atrai confusão*”, como dizem os Paresi (Silveira, 2011: 78), o que faz com que as aldeias mais populosas não tenham mais que 80 pessoas.

Os domicílios comportam em média 4,3 pessoas. Em termos das TIs, há uma certa variação, uma vez que na TI Utiariti são 4,6 por domicílio enquanto na TI Paresi, são 5,6. Quando comparados às médias brasileiras, de Mato Grosso ou dos municípios de Tangará da Serra e Campo Novo dos Parecis, onde se situam as referidas terras (3,2 pessoas por domicílio), vemos que os números ficam um pouco acima (IBGE, Censo 2010).

Em termos das classes etárias em que se divide a população investigada, ao compararmos os dois períodos, temos que a razão de sexo permanece equilibrada, com leve predomínio de homens em relação às mulheres. As mulheres em idade reprodutiva, dos 10 aos 49 anos, eram cerca de 25% em relação a população total em 1996 e, em 2010 são 30%, sendo que a maior parte está concentrada na faixa acima dos 25 anos. Houve, portanto, um aumento em relação ao período anterior, o que poderia indicar alto índice de fecundidade. Assim, enquanto a população de 0 a 4 anos em 1996 representava 18% do total, hoje representa cerca de 9%, indicando uma queda na natalidade, apesar do maior número relativo de mulheres em idade reprodutiva (IBGE, Censo 2010).

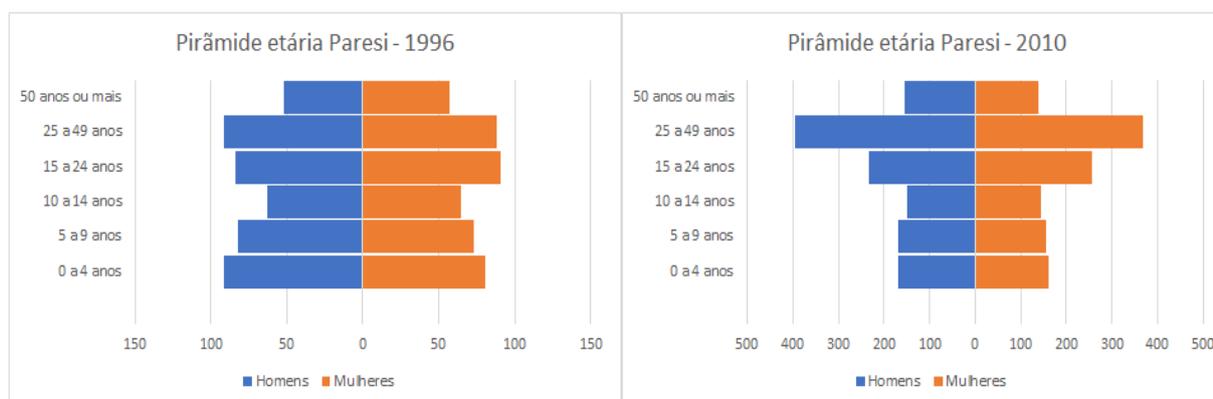


Gráfico 2: Distribuição por faixas etárias em dois períodos.
 Fonte: OPAN (1996)/ IBGE, Dados de 2010 referem-se ao questionário do Universo/SIDRA.

Isso pode apontar para uma ação de controle de natalidade o que é validado pelas informações de que há conhecimento e utilização por parte das “Waia-yatyalô” (curadoras, benzedoras) de plantas contraceptivas, dentre outras ervas com propriedades medicinais (Silveira, 2011: 65).

Consoante a esta tendência, observa-se que, na faixa dos 10 aos 14 anos, há o que se chama de “entrada” ou “falha” na pirâmide em relação aos anos inferiores, ou seja, de 0 a 4 anos e 5 a 9 anos. Isso porque, como é apontado nos relatos contidos na bibliografia consultada, há bastante ênfase do grupo na necessidade de formação de quadros internos para ocupar as diversas funções nas aldeias e, em geral, as crianças nessa idade continuam deixando as aldeias em busca de ensino nas cidades.⁶

Por outro lado, vemos um esforço dessa coletividade em proporcionar educação específica no próprio ambiente da aldeia. Assim, no grupo local Rio Verde, estão instaladas escolas de 1º e 2º graus, a Escola Municipal “Zoizotero” e a Escola Estadual Indígena “Malamalaly”, o que tem se revertido em um maior número de falantes da língua indígena, uma vez que cerca de 83% da população falavam o seu idioma no seu domicílio (IBGE, Censo 2010), e na manutenção de alguns itens culturais, como, por exemplo, ao ensinar a geometria a partir do aprendizado da confecção dos cestos pelos mais velhos (Silveira, 2011: 142-ss).

Quando se observa a distribuição dos falantes da língua indígena pelas terras demarcadas, chamam a atenção algumas diferenças. Há na TI Paresi, onde se situam importantes aldeias dos “Kozárini”, um total de 98,9% do total, enquanto na TI Utiariti, onde encontramos as principais aldeias “Waimaré” esse percentual é bem menor, chegando a 47,1% (IBGE, Censo 2010).

A objetivação da cultura pelos Paresi envolve outros itens como a casa tradicional, “hati”, cujos especialistas são convidados a construí-las em fazendas da região, algumas danças que são apresentadas em datas festivas no município de Campo Novo do Parecis. Do mesmo modo que se deu em relação à língua falada no domicílio, a caracterização do seu tipo resultou nos seguintes números: na TI Paresi, 52% das casas eram do tipo oca ou maloca, enquanto na TI Utiariti, eram apenas 16% (IBGE, Censo 2010).

Como afirma Manuela Carneiro da Cunha (2009[2017]: 358), no contexto interétnico, “a cultura é homogeneizada estendendo-se democraticamente a todos uma rede de direitos heterogêneos”. Isso nos aproxima da ideia de “consciência cultural”, expressão de Terry Turner (Sahlins, 2004: 507) que se refere à tentativa de um povo de controlar suas relações com a sociedade dominante, incluindo o controle dos meios técnicos e políticos até aqui usados para vitimá-los.

Assim, se por um lado, no contexto das relações externas, naquilo que é dito sobre a cultura se toma elementos que muitas vezes são conhecimentos especializados dentro do grupo, estendendo-o ao conjunto de seus integrantes, no âmbito interno, os Paresi reafirmam suas diferenças ao reproduzir concepções nativas de diferenciação ligadas à existência de subgrupos ou clãs referidos no passado, mas que marcam distinções identitárias no presente.

⁶ Há uma busca de formação dos seus integrantes para ocupar os postos de trabalho que surgem, sendo que a maioria dos homens e mulheres da aldeia Rio Verde desempenha atividades na própria aldeia. São professores, agentes de saúde indígenas, secretários da escola, agentes indígenas sanitaristas, motoristas das unidades de saúde, etc. (Silveira, 2011: 92).

Os “Kozárini” e os “Waimaré” no contexto das relações políticas

Como vimos anteriormente, os Paresi têm uma origem poligênica, uma vez que os irmãos saídos de uma pedra vão habitar locais diferenciados e dão origem aos subgrupos que vivenciavam uma endogamia. Eles teriam ainda dons diversos, uma vez que os “Waimaré” detêm o conhecimento das flautas, dos artesanatos etc., que depois são obtidos pelos “Kozárini” por meio do intercassamento com as mulheres daquele subgrupo. Diferenciavam-se também pela cor da pele pois, enquanto os “Waimaré” foram habitar os locais de matas ciliares e ficavam mais protegidos do sol e, por isso, têm a pele mais clara, os “Kozárini” foram para as chapadas e ficaram mais expostos ao sol, daí a cor mais escura (Silveira, 2011: 70).

Apesar dos “Waimaré” terem recebido os bens culturais, na visão dos “Kozárini” eles aceitaram o contato de maneira mais pacífica e acabaram sendo levados pelos não índios a entregarem suas terras e deixarem seus costumes para viver ao modo dos “brancos”. No entanto, quando visualizamos tais concepções nas respostas às perguntas de identidade étnica contidas no questionário do Censo 2010⁷, dos 919 residentes na TI Paresi, todos se declararam indígenas, e na TI Utiariti, dos 407, 396 se declararam indígenas, 10 se consideraram e apenas 1 não se declarou nem se considerou indígena, demonstrando que, quando se trata de auto atribuição de identidade, as visões de si se aproximam (IBGE, Censo 2010).

Nessa perspectiva reside a importância conferida pelo grupo como um todo, das escolas das aldeias em que se ensinam técnicas nativas de confecção de artesanato, da língua, dos mitos, etc. Assim, tal como é exposto no trabalho de Silveira (2011: 16), segundo os “Kozárini”, os “Waimaré” e “Kaxiniti” estiveram mais vulneráveis às investidas dos primeiros colonizadores, o Marechal Rondon, por exemplo, e nessa interação mais efetiva, acabariam perdendo seus territórios.

Os eventos da história de contato do grupo são vistos por esse coletivo como sendo protagonizados, em um momento inicial, pelos “Waimaré”. Foi assim, para citarmos um evento, nos projetos com ONGs e a FUNAI, de agricultura mecanizada na década de 1990, com recursos do governo brasileiro, mas também do Banco Mundial. Os projetos duraram um determinado período, mas problemas com financiamentos governamentais e externos, além de disputas internas entre as lideranças e aldeias acabaram inviabilizando sua continuidade. Tais experiências influenciaram as formas atuais de exploração do território, sobretudo no arrendamento das terras que ocorre hoje (Costa, 1985; Silveira, 2011).⁸

Por sua característica de abertura ao outro, é dito que os “Waimaré” estariam à frente também nas negociações para a introdução de novos empreendimentos, como as Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs), ou as parcerias montadas a partir de 2004, com os contratos de arrendamentos de suas terras. Mais especificamente, na visão de uma liderança “Kozárini”, os caciques influentes são normalmente os “Waimaré”, eles dominam os mecanismos políticos e

⁷ A questão incluía a opção indígena no questionário do universo e, para aqueles no interior das terras indígenas que não se declarassem dessa forma, seria aberta a possibilidade de se considerar indígena (IBGE, Censo Demográfico 2010).

⁸ Na década de 1960, com a abertura da BR 364, ligando Cuiabá a Porto Velho, cortando seu território, os Paresi começam a vender artesanato aos passageiros (Costa 1985: 368-69). Mesmo com a mudança no trajeto da estrada anos depois, a venda de artesanato perdura por algum tempo até ser proibida, o que os leva a buscar outras fontes de renda (Anjos, 2018).

econômicos da sociedade não índia e por isso são os primeiros a fazer os contatos com eles. Depois é que ingressariam os “Kozárini” (Silveira, 2011: 41).⁹

Entre os Matis, grupo pano do interflúvio, Erikson (2002: 82) atribui a precedência observada das mulheres no contato com os brancos, relacionando-a ao tipo de alimento consumido por esses, “bata”, comida doce, de essência feminina. Desse modo, faz uma aproximação entre as mulheres do grupo e os brancos, o que nos leva a pensar sobre quais elementos, os Paresi fundam essa primazia dos “Waimaré” no contato, investigação que não cabe no escopo deste artigo, mas que pode se mostrar profícua para aprofundar o entendimento que esses índios têm de si.

Paralelamente a isso, atualmente, as três associações indígenas existentes representam juridicamente os Paresi nos contratos com os produtores rurais, além de fiscalizar a aplicação desses recursos para evitar os desvios internos.¹⁰ São elas, a “Waimaré”, a “Halitinã” e a “One Tyholazere”¹¹ (Anjos, 2018).

Como vimos anteriormente, essa forma de representação remonta à década de 1990, com a fundação da “Waimaré” e da “Halitinã”. Há, como o próprio nome sugere, uma sobreposição à categorização para os subgrupos. No caso da “Halitinã”, no entanto, a abordagem parece ser mais abrangente, ao fazer referência à autodenominação do grupo como um todo. Além disso, essa associação passa a atuar nas políticas de saúde, nas quais procura assumir um protagonismo, como se viu no período de 2003 a 2011, quando conseguiu exercer a gestão da saúde, em convênio com a FUNASA¹².

A Associação “Halitinã” investiu em capacitação de profissionais de saúde indígenas e não indígenas, incluindo verbas para viabilizar bolsas de estudo para a formação de jovens na área da saúde e direito, promovendo as ações previstas na política nacional de atenção à saúde indígena, bem como diversas medidas em atendimento aos seus próprios objetivos (Silveira, 2011). O caráter fragmentado das associações parece prevalecer, uma vez que a “Halitinã” continua dividindo os espaços com as demais associações que podem surgir de acordo com os projetos do momento.

A relevância dessas categorias para pensar distinções internas ao grupo, encontra paralelo em outros povos aparentados aos Paresi e próximos geograficamente, como é o caso dos Enawene Nawe, descritos por Marcio Silva (2016: 359), em que as antigas tribos, substituídas hoje pelos clãs no que se refere às prerrogativas rituais e matrimoniais, ainda detêm o repositório dos nomes próprios pessoais que toda criança recebe ao nascer. Assim também para os Paresi, os chamados subgrupos não caíram em desuso, mas atualizam determinadas diferenciações internas. Como vimos, as características que marcam hoje as distinções entre os “Kozárini” e os “Waimaré” se apoiam nos modos como operam a relação com o outro, nesse caso, os não índios. Além disso, as associações se sobrepõem de alguma maneira, aos subgrupos denominados, mantendo as diferenças internas como operador no campo da política externa.

⁹ Com a ida para as fazendas, acabam aprendendo técnicas de cultivo em maior escala, a lidar com as máquinas e implementos agrícolas, o que confere uma especificidade à forma como se dá o arrendamento de suas terras desde 2004, uma vez que não apenas disponibilizam a terra, mas também servem como mão de obra, inclusive em funções gerenciais ou como agrônomo, mas também são contratados como motoristas, gerentes etc. A ideia das lideranças seria findar os contratos de arrendamento e assumir integralmente o controle da plantação, sem se associar aos fazendeiros. Para tanto, eles precisam de recursos e licenciamento ambiental, questões até o momento não solucionadas (Anjos, 2018).

¹⁰ Cada associação congrega um certo número de aldeias que têm autonomia na distribuição dos recursos desses projetos agrícolas de larga escala, normalmente feito de acordo com a quantidade de pessoas por grupo familiar --se for equivalente-- ou por pessoa, no caso de grupos familiares com mais e menos gente (Silveira, 2011: 108).

¹¹ Rio de águas azuis (Silveira, 2011: 15)

¹² Fundação Nacional de Saúde, responsável à época pela gestão da saúde indígena no governo federal.

À guisa de um fecho para os apontamentos sobre a dinâmica demográfica paresi no contexto de suas relações políticas e sociológicas, retomamos alguns pontos desenvolvidos ao longo do trabalho. No contexto interno, os processos de fissão entre as aldeias promovem uma certa estabilidade no padrão aldeão, mesmo em face do alto crescimento populacional verificado nos últimos anos. Isso acaba por limitar a um âmbito menor, o poder dos chefes dos grupos locais. A coexistência de outras categorias sociais, como os xamãs, também impõe algum controle ao poder dos chefes.

Renato Stutzman (2013: 2), ao estudar as posições complementares de chefes e xamãs em alguns grupos indígenas sul-americanos, como os do Alto Xingu (Mato Grosso), bem como a descontinuidade observada entre as políticas indigenistas dos Tenetehara (Maranhão), nas quais as lideranças que fazem a mediação com a FUNAI, por exemplo, não são as mesmas que atuam nas políticas partidárias (lideranças que se candidatam aos cargos eletivos), aponta que, desta maneira, evita-se a concentração de um tal poder nas mãos de uma só pessoa ou grupo de pessoas.

Entre os Paresi, ainda que um mesmo indivíduo possa ocupar eventualmente mais de uma dessas posições, tais como xamãs, chefes, lideranças políticas, elas ocorrem em espaços institucionais diferenciados e em escalas diferentes. Do mesmo modo, ao relacionar os antigos subgrupos às associações existentes hoje, repõem no contexto atual a distinção e sobretudo a complementaridade subjacente a elas.

Um ponto de conexão, no caso em tela, nos parece ser o grupo composto pelos caciques influentes, reconhecido como formado, em sua maioria, por indivíduos “Waimaré”, uma vez que, como mencionado, conhecem os mecanismos políticos e econômicos da sociedade envolvente (Silveira, 2011: 41), sendo, além disso, notadamente uma construção feita a partir da lógica paresi de caracterização e distinção dos subgrupos.

Recebido em 26 de setembro de 2018.

Aprovado em 21 de abril de 2019.

Referências

ANJOS, Ana Beatriz. Índio quer soja. *Especial Amazônia Resiste/UOL*. Disponível em: <https://www.uol/noticias/especiais/indio-quer-soja.htm>. Acesso em 19/06/2018.

BORTOLETTO, Renata. *Morfologia social paresi: uma etnografia das formas de sociabilidade em um grupo Aruak do Brasil Central*. Dissertação de Mestrado. Antropologia. UNICAMP, 1999.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. Ministério da Saúde. Disponível em <http://portalms.saude.gov.br/saude-indigena/gestao/siasi>. Acesso em 12/06/2018.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela C. “Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. *Cultura com aspas*. Ubu Editora, 2009 [2017], pp. 304-369.

COSTA, Romana M. *Cultura e Contato: um estudo da Sociedade Paresi no contexto das relações interétnicas*. Dissertação de Mestrado. Antropologia. Museu Nacional/UFRJ, 1985.

COSTA FILHO, Aderval. *Mansos por natureza: situações históricas e permanência Paresi*. Dissertação de Mestrado. Antropologia. UnB, 1996.

ERIKSON, Philippe, Reflexos de si, ecos de outrem. Efeitos do contato sobre a auto representação dos Matis. In: Albert, B e Ramos, A. (orgs.). *Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte-amazônico*. São Paulo: Editora da UNESP; Imprensa Oficial do Estado, 2002., p. 179-204.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Metodologia do Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2013 (Série Relatórios Metodológicos, v. 41). Disponível em: <[http:// biblioteca. ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv81634.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv81634.pdf)>.

_____. *Censo demográfico*. 2010. Disponível em: <http://indigenas.ibge.gov.br/tt>, acesso em: 12 /06/ 2018.

PAES, Maria Helena Rodrigues. A questão da língua na escola indígena em aldeias Paresi de Tangará da Serra-MT. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 21, 2002, p. 52-60.

PEREIRA, Adalberto H. *O pensamento mítico do Paresi*. Pesquisas, Antropologia. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, 1986.

PEREIRA, Nilza. Avanços na captação de dados sobre a população indígena no Censo Demográfico 2010. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, V.33, n. 2, maio/ago. 2016, p. 423-430.

PAGLIARO, Heloísa.; AZEVEDO, Marta Maria.; SANTOS, Ricardo Ventura. Demografia dos Povos Indígenas no Brasil: um panorama crítico. In: PAGLIARO, H., AZEVEDO, MM., e SANTOS, RV. (orgs.). *Demografia dos povos indígenas no Brasil [online]*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, p.11-32.

RONDON, Cândido. História Natural: Ethnographia. *Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso*. Rio de Janeiro, publicação 2, anexo 5. S.d.

ROWAN, Orland & ROWAN, Phyllis. *Dicionário: Parecis-Português e Português-Parecis*. Brasília, Summer Institute of Linguistics, 1972.

SAHLINS, Marshal. Adeus aos *tristes tropes*: a etnografia no contexto da moderna história mundial (1993). *Cultura na prática*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 2004, p. 503-534.

SILVA, Frederico A. Barbosa da; ARAUJO, Herton Ellery; SOUZA, Andre Luís. *Diagnóstico da situação das populações indígenas do Brasil*. Brasília: IPEA, 2002

SILVA, Marcio. Demografia e antropologia em contraponto: os Enawene-Nawe e suas derivas matrimoniais. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*., Rio de Janeiro, v.33, n.2, maio/ago. 2016, p.349-373.

SILVEIRA, Ema Maria dos Santos. *Cultura Como Desenvolvimento Entre Os Paresi Kozarini*. Dissertação de Mestrado. Antropologia, UFRN, 2011.

SZTUTMAN, Renato. Metamorfoses do Contra-Estado. Pierre Clastres e as Políticas Ameríndias. *Ponto Urbe*, 13, 2013.

TERÇAS, Ana TERÇAS, Ana Cláudia Pereira, NASCIMENTO, Vagner Ferreira do HATTORI, Thalise Yuri, ZENAZOKENAE, Leonir Evandro, ATANAKA, Marina, LEMOS, Elba Regina Sampaio de. Os Haliti-paresí: uma reflexão sobre saúde e demografia... *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, jan. /Jun. 2016, p.226-253.